



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO  
BÁSICA – PARFOR  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

MANUEL BAIA SANTOS

**IDENTIDADE QUILOMBOLA E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO  
ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA QUILOMBOLA SANTO ANDRÉ,  
MUNICÍPIO DE ABAETETUBA – PARÁ**

ABAETETUBA – PA

2018

MANUEL BAIA SANTOS

**IDENTIDADE QUILOMBOLA E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO  
ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA QUILOMBOLA SANTO ANDRÉ,  
MUNICÍPIO DE ABAETETUBA – PARÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Universidade Federal do  
Pará, como requisito para a obtenção do  
Grau de Licenciado Pleno em Pedagogia,  
sob a orientação do Prof. Me. Petrônio  
Medeiros Lima Filho.

ABAETETUBA – PA

2018

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

S237i Santos, Manuel Baia.  
Identidade Quilombola e as prátiias pedagógicas no ensino  
fundamental da escola Quilombola Santo André, município de  
Abaetetuba - Pará / Manuel Baia Santos. — 2018.  
43 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Me. Petrônio Medeiros Lima Filho  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade  
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de  
Pedagogia, Abaetetuba, 2018.

1. Identidade Quilombola. 2. Educação Quilombola. 3.  
Escola Quilombola. 4. Remanescente. 5. Prática pedagógica..  
I. Título.

CDD 370

---

MANUEL BAIA SANTOS

**IDENTIDADE QUILOMBOLA E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO  
ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA QUILOMBOLA SANTO ANDRÉ,  
MUNICÍPIO DE ABAETETUBA – PARÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Universidade Federal do  
Pará, como requisito para a obtenção do  
Grau de Licenciado Pleno em  
Pedagogia, sob a orientação do Prof.  
Mes. Petrônio Medeiros Lima Filho.

Data de aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Conceito: \_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Petrônio Medeiros Lima Filho – UFPA  
Orientador  
Mestre em (UFPA)

---

Prof. Marcilene Calandrini de Averlar  
Membro  
Mestre em

---

Prof. Thais Pinheiro Abreu Vasconcelos  
Membro  
Mestre em

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho de pesquisa a todas as comunidades quilombola do município de Abaetetuba que por meio de grandes lutas conseguiram as titulações de suas terras e assim reivindicaram nossos direitos de cidadãos brasileiros e construtores desde país.

Também em especial a comunidade quilombola do baixo Itacuruçá que me acolheu e onde esta localizada a escola Municipal de Ensino Infantil Fundamental e Ensino Médio Quilombola Santo André onde foi realizada esta pesquisa.

Sou negro, sou quilombola e não nego minha história. Fortalecer nossa identidade quilombola através das práticas pedagógicas dentro do espaço educacional é oportunizar conquistas sociais.

*Manuel Baía Santos*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao Criador do universo pela oportunidade de realizar esta pesquisa e que diante de todas as diversidades sempre me acompanhou ao longo desta pesquisa.

Agradeço as pessoas, familiares, amigos ou apenas conhecidos, que ao longo da jornada rezaram por mim e dirigiram palavras de estímulo para que eu prosseguisse com os estudos.

Agradeço ao conjunto de professores da universidade federal do Pará do Programa PARFOR, que ao longo destes anos no curso de pedagogia colaboraram com minha formação e crescimento pessoal e profissional.

Agradeço também aos meus colegas de turma pela atmosfera acolhedora, paciente e festivo que conseguimos criar em todos os momentos do nosso curso e pelo apoio que todos compartilhavam para chegarmos ao final desta etapa em nossa formação profissional.

Agradeço ao professor Petrônio Medeiros que orientou esta pesquisa com muita determinação, afincamento e interesse.

Agradeço aos moradores do Território Remanescente de Quilombo do baixo Itacuruçá e especificamente aos alunos e funcionários da escola quilombola santo André que concederam as entrevistas para esta pesquisa.

Agradeço a minha esposa Mônica pelo apoio, confiança e paciência que no decorrer de meus estudos na Universidade e também na pesquisa e aos meus filhos Matiza Santos e Idauam Santos, pelo amor e carinho que me incentivaram para que eu seguisse em frente e serviram de inspiração para alcançar meus objetivos de conclusão do curso de pedagogia.

E especialmente a minha vovó Euzébia que está com 104 anos de idade sempre me ajudou para finalizar mais essa etapa de estudos doando sua casa e até às vezes financeiramente para me proporcionar as melhores condições.

## RESUMO

A presente pesquisa investiga a identidade quilombola relacionada com as práticas pedagógicas oferecidas pela escola no ensino fundamental menor mediante, entre as técnicas de coletas de dados foram realizadas entrevistas e dinâmicas de roda de conversa com os alunos do ensino fundamental incluindo a educação infantil no qual foram realizados registros fotográficos e entregue um questionário para os professores, além disso, realizamos a observação participante. Discutimos a categoria identidade como pertença e correlação com ambiente e território em que vivem. A pesquisa identificou que se faz necessário valorizar a identidade quilombola da comunidade de maneira mais efetiva, não somente em períodos específicos, mas um trabalho político pedagógico permanente na escola.

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidade Quilombola. Educação quilombola. Escola quilombola. Remanescente. Prática pedagógica.

## ABSTRACT

The present research investigates the quilombola identity related to the pedagogical practices offered by the school in the minor elementary school through, among the data collection techniques were conducted interviews and dynamics of conversation wheel with the students of elementary education including the infantile education in which they were photographic records and gave a questionnaire to the teachers, in addition, we made the participant observation. We discuss the category identity as belonging and correlation with environment and territory in which they live. The research identified that it is necessary to value the quilombola identity of the community in a more effective way, not only in specific periods, but a permanent pedagogical political work and the school.

**KEYWORDS:** Quilombola Identity. Quilombola education. Quilombolas school. Remaining. Pedagogical practice.

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 01:</b>	Qual a sua formação?-----	28
<b>Tabela 02:</b>	Você se considera quilombola? Por quê?-----	30
<b>Tabela 03:</b>	Como é trabalhar numa escola quilombola?-----	31
<b>Tabela 04:</b>	Para você o que é identidade quilombola?-----	33
<b>Tabela 05:</b>	Como a identidade quilombola está presente no PPP da escola?-----	34
<b>Tabela 06:</b>	Nas suas práticas pedagógicas, você aborda a identidade quilombola? De que maneira?-----	35
<b>Tabela 07:</b>	Quais as dificuldades encontradas por você para falar da identidade quilombola com seus alunos?-----	36
<b>Tabela 08:</b>	Você trabalha com alguma coisa fora da escola?-----	37
<b>Tabela 09:</b>	A escola possui ou produz materiais com relação à identidade quilombola? E você utiliza-os?-----	38
<b>Tabela 10:</b>	Como é que você e a escola se organizam para o dia 20 de novembro?-----	39
<b>Tabela 11:</b>	Quais sugestões você daria para fortalecer a identidade quilombola no ensino fundamental da escola, através das práticas pedagógicas?----	40
<b>Tabela 12:</b>	Respostas dos alunos da Escola Municipal Quilombola Santo André.	41

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b>	10
2	<b>CAPITULO I – REFERENCIAL TEÓRICO</b>	13
2.1	Identidade quilombola	13
2.2	Educação Quilombola	15
2.3	Práticas pedagógicas	19
2.4	Escola Quilombola	22
3	<b>CAPITULO II – METODOLOGIA</b>	25
3.1	Um estudo de caso, uma pesquisa qualitativa	25
4	<b>CAPÍTULO III – ANÁLISE DOS DADOS</b>	27
4.1	Análise dos dados obtidos na entrevista	28
5	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	43
6	<b>REFERÊNCIAS</b>	44
7	<b>APENDICE</b>	
8	<b>ANEXO</b>	

## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa objetiva analisar as práticas pedagógicas relacionadas à identidade quilombola nas turmas de Ensino Fundamental menor da Escola Quilombola Santo André na comunidade do Baixo Itacuruçá município de Abaetetuba Pará.

A educação é um direito de todos os brasileiros garantido em nossa constituição como fundamental para a formação do indivíduo em todos os seus aspectos. Neste sentido os territórios quilombolas não podiam ficar de fora deste contexto educacional que permeia nosso país e assim queremos ressaltar a importância de valorizar a educação dos povos tradicionais que temos em nosso território nacional respeitando seus conhecimentos empíricos dentro da formação do modelo que a educação se propõe fazer nossos órgãos educacionais públicos brasileiros, e que grandes avanços foram dados a partir da constituição de 88 e da LDB de 2006, com grande participação da sociedade organizada em busca de melhorias educacionais para essa parcela da população nacional que são as comunidades tradicionais quilombola principalmente no campo que ainda lutam de todas as formas para garantir sua identidade e a resistência.

Mediante aos grandes desafios sociais que envolvem essa população tradicional, que moram no campo, minha inquietação é em buscar compreender como se relacionam a identidade quilombola e as práticas pedagógicas da 1ª Escola quilombola do município de Abaetetuba, nesse sentido, proponho esta pesquisa sobre o tema da identidade quilombola e as práticas pedagógicas no ensino fundamental menor da Escola Quilombola Santo André identificando alguns fatores que deveriam fomentar as práticas pedagógicas da referida instituição educacional que está situada na comunidade do Baixo Itacuruçá município de Abaetetuba no estado do Pará. A comunidade quilombola do Baixo Itacuruçá recebeu sua titulação territorial no governo do presidente Luís Inácio (Lula), e assim se deu uma grande luta dos moradores das ilhas de Abaetetuba para a criação da Associação dos Remanescentes Quilombolas das Ilhas de Abaetetuba (ARQUIA).

Partindo da criação da associação, um primeiro desafio foi lançado que era a construção de uma escola voltada para a comunidade quilombola que pudesse garantir uma educação de qualidade respeitando seus valores étnicos, sociais e culturais como ressalta a LDBEN (Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional), valorizando os saberes presentes na comunidade, onde o espaço escolar pudesse contribuir para o fortalecimento das raízes remanescentes de quilombo e que os sujeitos envolvidos pudessem ser capazes de criar sua própria história na perspectiva do fortalecimento da sua identidade na vida em comunidade e social.

Assim as práticas pedagógicas assumem um papel de fundamental importância neste processo de formação, sendo que a escola é um espaço de múltiplas vivências que possibilita esta interação neste espaço quilombola, procurando analisar como a identidade quilombola se relaciona com as práticas pedagógicas no ensino fundamental menor da escola Quilombola Santo André, integrando momento de reflexão como forma de flexibilizar as práticas pedagógicas no contexto atual da escola, sugerindo aos interessados uma melhor compreensão da identidade quilombola e práticas pedagógicas voltadas para o fortalecimento da identidade quilombola a partir do ensino fundamental menor da referida escola.

Na certeza desta pesquisa ser de suma importância para a comunidade quilombola do Baixo Itacuruçá e da Escola Quilombola Santo André manter sempre viva a chama de nossos antepassados guerreiros quilombolas que por décadas

lutaram para garantir nossas tradições e costumes e por uma vida digna vivendo em seu próprio território, enfatizamos que o espaço escolar pode beneficiar as práticas pedagógicas construindo relações de afirmação da identidade na comunidade quilombola e não práticas pedagógicas tradicionais do silêncio, da imposição que favorece o enfraquecimento de nossa identidade em pleno século XXI.

Diante deste grande desafio é que proponho esta temática, a pesquisa dar-se-á com base na pesquisa de caso e qualitativa embasada. No que se referem à metodologia empregada neste modelo de pesquisa a mesma foi feita por meio de entrevistas, coleta de dados através de questionário, registros fotográficos com os envolvidos, direção da escola, coordenação pedagógica, professores e alunos do ensino fundamental menor da Escola Municipal Quilombola Santo André.

Esta pesquisa esta organizada em 4 partes. Na primeira parte apresentamos alguns conceitos de teóricos sobre o tema levantado para poder ter um parâmetro e para melhor compreensão do assunto visando o objetivo final desta pesquisa.

No segundo momento da pesquisa pretendo apresentar como toda pesquisa foi desempenhada com mais requintes de detalhes como se deu todo processo da coleta de dados e como ocorreu a utilização dos dados coletados.

A terceira parte desta pesquisa, será de análise dos elementos obtidos nas entrevistas, fichas e questionários para confrontar com os conceitos dos autores contidos na primeira sessão. No fim apresentamos as considerações finais.

Sou professor da rede municipal de ensino do município de Abaetetuba, trabalho na comunidade do Baixo Itacuruçá onde está localizada a 1º escola quilombola do município de Abaetetuba há mais de 13 anos, gosto de estar envolvido com a comunidade.

No início eu morava na sede do município e me deslocava para a escola de rabeta (pequena embarcação motorizada) as 5:30 da manhã todo o período letivo e percebi que estava perdendo certas programações da escola e da comunidade a tarde pois tinha que retornar as 12:00 horas para a sede do município e no segundo ano comecei a residir na localidade para melhor compreender a dinâmica da mesma, nesse período começou o processo de titulação como território quilombola e me envolvi diretamente neste processo, como sempre gostei de trabalhar com artes e danças regionais e tradicionais me vi útil para ajudar a escola e comunidade local.

Gosto muito de me identificar quilombola, pois sou negro e vejo a importância desta identidade quilombola para o fortalecimento de nossas lutas por políticas públicas dignas que venham ao encontro dos nossos anseios por dignidade como escreveu um ilustre morador da comunidade poeta e compositor Lucindo Rodrigues: *“sou negro, sou quilombola e não nego minha história”*. Esse é um trecho do poema intitulado *“Minha Identidade”* do autor acima citado.

Vejo que assumir uma identidade e sentir orgulho de pertença a essa identidade é fundamental para almejar novos horizontes e conquistas principalmente em uma comunidade rural quilombola onde as políticas públicas são escassas, nesse contexto a escola como espaço de conhecimentos, aprendizagem e vivências coletiva pode contribuir para a valorização da identidade quilombola e para ampliar essas conquistas.

## 2. CAPITULO I – REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Identidade quilombola.

Neste tópico procurarei fazer um levantamento bibliográfico com autores que tem uma visão a respeito do assunto: identidade quilombola, para melhor compreensão dos quais se disporem a leitura deste. Assim, SOUZA, discute o assunto de identidade como:

A noção de identidade quilombola está estreitamente ligada à ideia de pertença. Essa perspectiva de pertencimento, que baliza os laços identitários nas comunidades e entre elas, parte de princípios que transcendem a consanguinidade e o parentesco, e vinculam-se a ideias tecidas sobre valores, costumes e lutas comuns, além da identidade fundada nas experiências compartilhadas de discriminação (SOUZA, 2008, p. 78).

A identidade é de suma importância dentro do território quilombola. Essa identidade é a base que torna fortalecido um grupo pela luta de seus direitos, aqui me refiro a comunidade quilombola como processo de valorização de sua vivência comunitária passado de geração como pertença que vai além de parentescos sanguíneos e a capacidade de resistência e vivência comunitária que permeiam as comunidades quilombola.

É importante ressaltar que a resposta para a pergunta: quem somos é muito diversa. Muitas das vezes a identidade começa no seio familiar e no lugar onde nascemos e em nossa ancestralidade como se refere (BRANDÃO, 2008, p. 15).

Ao procurarmos responder à pergunta “quem sou eu?”, temos uma memória que guia essa resposta, latente no nome da família e também no lugar de origem – “de onde sou”? A busca por identidade, mediante memórias, no que traz a filiação e no território de origem, é fundamental para o nosso sentido de pertencimento – tanto social como psíquico –, que possibilita (ou impede) a integração e a construção de relações intergrupais.

Neste sentido, vemos a importância da memória de nossos antepassados nesse processo de identidade e fortalecimento de nossa raiz no espaço quilombola onde a escola está inserida assim como comunidade quilombola percebermos que um dos valores mais presentes é a convivência em grupo vivenciado desde os primórdios partilhando suas experiências e conhecimentos como modo de viver, de ser, como também comunicar-se estando sempre se organizando em busca de seus direitos que sempre foram negados desde o processo de escravidão aos nossos dias. Destacando-se essa organização comunitária política de enfrentamento das diversidades promovidas pelo grupo elitizado e a escola e os professores mediante as práticas pedagógicas podem reverter esse olhar negativo de nosso povo.

Outro ponto importante na composição da identidade e legitimidade com a terra o torrão onde se nasce criando aspectos de território tornando o elemento de construção da identidade étnica, que se tornam uns dos pontos mais importantes ou se não o mais importante da estrutura social. Neste sentido BORGES (1997) reconhece essa identidade com a terra relacionando a identidade com a luta:

A identidade com a terra, identidade com a luta, iguais e diferentes, caminhando para construir um sujeito coletivo. Avanços, recuos, discussões, enfrentamento das próprias contradições em meio às contradições das sociedades que os apoiam através de algum seguimento ou os condena através de outros. Identidade e oposição na construção da sua identidade de sujeito coletivo. (BORGES, 1997, p.168).

Mais uma vez volto a frisar a identidade étnica dos remanescentes de quilombos é recriada pela memória das lutas de seus antepassados, “marca de uma conjuntura histórica e forma primeira do seu processo de construção social e de diferenciação em face aos outros e as dimensões sociais e políticas que compõem este território contribuem para a afirmação ou não desta identidade. HALL (2002): diz dessa forma, nós projetamos em nossas identidades culturais, ao mesmo tempo em que absorvemos seus significados e valores, tornando-os parte de nós mesmos.

E a escola como espaço político, social e cultural deve remeter-se as especificidades do contexto geográfico em que a comunidade está inserida fomentando a valorização da identidade como processo de fortalecimento e sustentabilidade deste território criando métodos que venham favorecer esses contextos como encontramos na narrativa de NASCIMENTO (2007 P, 27):

As comunidades remanescentes de quilombos possuem dimensões sociais, políticas e culturais significativas, com particularidades no contexto geográfico brasileiro, tanto no que diz respeito à localização quanto à origem. É preciso ressaltar e valorizar as especificidades de cada área de remanescente, quando do planejamento e execução de ações voltadas para o desenvolvimento sustentável desses grupos.

Considerando as diferenças encontradas na cultura brasileira, entendesse que a escola como também o profissional educador (a), deve desempenhar seu papel compreendendo que o conhecimento é alcançado por meio da interação social e influenciado pelas experiências de vida, pelos valores, crenças, ou seja, pela cultura dos alunos. Isso constitui que à escola cabe agir de modo a distinguir e valorizar as identidades culturais dos sujeitos. Agindo assim, a escola dará sentido à presença dos alunos naquele espaço. Para GOMES (2016, p. 02), “a escola é vista, aqui, como um espaço em que aprendemos e compartilhamos não só conteúdos e saberes escolares, mas, também, valores, crenças e hábitos, assim como preconceitos raciais, de gênero, de classe e de idade”.

A escola deve dar sua contribuição nesse processo de construção e valorização das identidades, haja vista que ao fazer isso estará contribuindo para que a luta dos negros e das comunidades quilombolas por igualdade de direitos e condições seja fortalecida.

Portanto, a identidade quilombola está ligada diretamente com a pertença do sujeito com seu torrão, podemos dizer que a identidade quilombola se caracteriza pela sua territorialidade e suas manifestações culturais em todos os seus aspectos. É necessária fortalecer esse vínculo, para melhorar a compreensão do sujeito de suas raízes e assim toma-la como ponto de partida para sua sustentabilidade cultural e social dentro do seu eu e ampliar suas conquistas pessoais e comunitárias dentro do contexto onde o ser quilombola está vivendo e a escola deveria

oportunizar esse estreitamento com suas raízes e mediante as práticas pedagógicas estão sendo desempenhadas para fortalecer esse processo de fortalecimento da cultura quilombola.

## **2.2 Educação Quilombola**

O objetivo dessa sessão é provocar reflexão analítica a partir da construção da proposta de escolarização e da educação nas comunidades quilombolas e o início da educação brasileira começando com uma breve recapitulação sobre a educação escolar no Brasil que nasceu sob a da ótica da exclusão. Para tanto, apresenta-se brevemente alguns pontos singulares na trajetória de elaboração e implementação da Proposta Pedagógica Quilombola e uma discussão sobre educação quilombola.

A educação fornecida pelos padres jesuítas é dedicada a uma pequena quantia da população e resumia-se à concepção religiosa com base na educação europeia esse modelo ainda persiste em pleno século XXI, houve alguns avanços. Aspectos da tradição afro-brasileira carecem de ser apreendidos e cultivados por todos e todas que participam do aparelho educacional brasileiro, como tática para tornar mínimo os preconceitos, as discriminações e o racismo que imperam disfarçadamente na sociedade brasileira e atingem, sobretudo, estudantes negros e negras de nosso país.

No campo das políticas públicas educacionais, descrevemos dois marcos legalísticos e extraordinários, para a abrangência da população negra e, especialmente, a sua permanência no sistema educacional brasileiro: o Artigo 26 da Lei de Diretrizes Bases da Educação Nacional (LDB), que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira na Educação Básica; e a Resolução CNE n.01/2004, que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

O processo que envolve a Educação Quilombola é aquela adequada de um povo, diversificada e vinculada a uma especificidade cultural. Embora apresentarem algumas semelhanças entre comunidades, em suas maneiras de estabelecer processos educativos, cada uma tem sua dinâmica influenciada pelas formas que vivem em seu âmbito local.

Na maioria destas comunidades, a socialização dos conhecimentos, das tradições, do quilombola, se dá a partir da convivência e experiência dos mais velhos, tendo a tradição oral como o mais importante meio de transmissão do conhecimento. É um processo amplo de relações que inclui família, membros da comunidade, relações de trabalho, relações com o sagrado e as vivências inclusive nas escolas, nos movimentos sociais ou em outras formas de organizações.

Com o auxílio de (CASTILHO, 2008; SILVA, 2005 e OLIVEIRA, 2009). Podemos afirmar, portanto, que a Educação Quilombola é aquela marcada pela liberdade de ser de um povo. E aqui o conceito de “Educação” adquirirá um sentido mais amplo e complexo, uma vez que ela abriga sentidos subjetivos e marcantes

para os indivíduos envolvidos na relação, (SANTANA, 2005, p.121) contribuindo assim para a ampliação da cidadania de um povo.

Por outro lado, a Educação Escolar como sistema de ensino no seu sentido histórico, no primeiro momento, se mostra claramente como negadora da escolaridade do povo negro, ou seja, do quilombola, pois tende a se vincular a um processo negador que pregava a diferença para a educação. Enquanto a Educação Quilombola procura a possibilidade de agregar um aprendizado associado ao desenvolvimento de valores como solidariedade, companheirismo e afetividade, a Escola tradicional, historicamente, traz como possibilidade um saber alheio ao sujeito e muitas vezes distante do seu cotidiano (IDEM, p 114).

Para compreendermos esta separação entre escola e educação no espaço quilombola, sem considerar neste momento as possibilidades desta se tornar um instrumento de potencialidade para esta sociedade, é importante ter como base o caminho desta escola racista e por isso excludente.

Historiadores da educação do negro, dentre eles FONSECA (2002) e Cunha (1999), registram que, nos fins do século XIX, se tracejaram os primeiros movimentos pela inserção educacional do negro, no entanto, estas primeiras iniciativas não passaram de intenção. As poucas políticas que existiram não foram pensadas considerando a inserção do negro na sociedade livre, cujo processo estava em curso.

Mas como afirma Fonseca (2002, p.183) “no centro das práticas educativas foram colocados elementos que, ao longo da escravidão, haviam sido permanentemente acionados como estratégias de dominação sobre os negros: o trabalho e a religiosidade”. É importante registrar aqui que sempre houveram movimentos isolados do próprio negro buscando a sua escolarização no sentido de apropriação da leitura e da escrita. Inclusive,

Segundo Cunha (1999), vários destes negros letrados tiveram um papel importante no movimento abolicionista e pós-abolicionista. Enquanto o estado permaneceu omissivo ao assunto. Passaram-se muitos anos até que passos mais concretos fossem dados na legislação. Em 1966, a ONU realizou em Nova York a Convenção Internacional sobre a Eliminação de todas as formas de Discriminação Racial, estabelecendo formas de intervenção para a superação do racismo e suas consequências, destacando o papel da educação para a garantia do respeito aos direitos, incluindo a análise das causas e das consequências do racismo (SODRÉ, 1999, p. 21). Esta formulação foi importante para que os países racistas repensem

sua condição e formulem políticas de superação.

Mais recentemente no Brasil, em 2003, como resultado de luta do Movimento Negro no geral e quilombola em particular, foi sancionada a Lei Federal 10.639 que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9.394/96, tornando obrigatório o ensino de história e cultura afro brasileira e africana no currículo escolar da educação básica. Em consequência, cria as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais que estabelece a inclusão de conteúdos sobre a história e a cultura africana e afro-brasileira no currículo e orienta novas práticas e atitudes pedagógicas no processo de formação nacional (SODRÉ, 1999, p. 22).

Neste sentido a educação quilombola deve passar por um processo de adequação de um currículo arcaico para um currículo inovador que possibilite a interação das vivências e experiências cotidianas e o conhecimento dito formal que nos leva a uma outra situação a formação do docente que atuam na educação quilombola e que suas práticas pedagógicas sejam voltadas efetivamente para o fortalecimento da identidade quilombola.

A educação quilombola veio para reparar anos e anos de negação desta escolaridade para a população negra no Brasil e o ápice veio com a constituição de 88 no qual foi efetivada realmente através da LDB, Resolução CNE n. 01/2004, que garantiu de forma documental essa conquista depois de várias lutas das comunidades negras no Brasil. A educação quilombola deve favorecer suas experiências locais mediante os ditos formais para garantir a permanência dos alunos negros nos espaços educacionais e chegar ao ensino superior com totais condições de engajamento no mundo letrado.

Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Quilombola na Educação Básica (2012):

os currículos da Educação Básica na Educação Escolar Quilombola devem ser construídos a partir de valores e interesses das comunidades quilombolas em relação aos seus projetos de sociedade e de escola, definindo nos projetos político-pedagógicos”. (BRASIL, 2012, p. 34).

Neste sentido a educação básica que a fonte de pesquisa deste trabalho deveria ser flexível mediante aos projetos políticos pedagógicos e como se quer uma escola que de fato promova o sujeito capaz de viver em sociedade de maneira pensante e ao mesmo tempo ativo para ir á busca de condições que lhe possibilite agregar valores embutidos nas comunidades quilombolas. Aqui me reporto a dificuldades para a construção desses projetos políticos pedagógicos principalmente na zona rural de nosso município não pela capacidade de nossos colegas

educadores, mas pela burocracia que a secretaria de educação possui.

### **2.3 Práticas pedagógicas**

Segundo Giroux: As Práticas Pedagógicas são processos que possibilitam uma maior dinâmica de um contexto sócio cultural para uma formação maior que vai além do espaço escolar que envolve diretamente os sujeitos submergidos, como professores alunos e sociedade para que tenhamos êxito nesta ferramenta de suma importância para o desenvolvimento de todos tanto educacional como político e em um território quilombola as práticas pedagógicas não podem ser desvinculadas da realidade nos territórios de remanescentes portanto vise a emancipação dos sujeitos socialmente dentro processo político social, como nos referencia Giroux (1997, p. 163):

Essencial para a categoria de intelectual transformador é a necessidade de tornar o pedagógico mais político e o político mais pedagógico. Tornar o pedagógico mais político significa inserir a escolarização diretamente na esfera da política, argumentando-se que as escolas representam tanto um esforço para definir-se o significado quanto uma luta em torno das relações de poder [...]. Tornar o político mais pedagógico significa utilizar formas de pedagogia que incorporem interesses políticos que tenham natureza emancipadora [...]:

Em seguida precisamos ter a consciência de saber que às práticas pedagógicas devem promulgar as atividades rotineiras que são desenvolvidas no panorama da escola. Podem ser atividades esquematizadas com o desígnio de permitir a modificação ou podem ser atividades bancárias, tendo a dimensão do depósito de conteúdo como atributo central.

Paulo Freire (1987) expressou inúmeras críticas à educação que denominada bancária, assim como preparou uma proposta de educação libertadora, voltada para a transformação pessoal e social e, portanto, centralizada no sujeito histórico que produz adequadamente e vive a educação, localizado numa determinada situação no mundo só assim a prática pedagógica tornará os sujeitos politicamente sabedores de seu espaço no universo social e lutar pelos seus direitos de cidadão e assim as práticas pedagógicas devem estar de acordo com a realidade onde a escola está inserida respeitando suas especificidades e principalmente levar em consideração a vida comunitária do aluno proporcionando uma emancipação de seus conhecimentos e de sua capacidade de analisar de maneira coerente os assuntos que os cercam para obter uma posição diante dos mesmos.

Neste sentido Paulo Freire também sinalizou em uma das suas obras com o título pedagogia da alternância um caminho para que a prática pedagógica viesse proporcionar uma melhor compreensão deste espaço educacional, levando-nos a olhar com carinho as especificidades do sujeito envolvido neste processo educacional, no ambiente escolar e nada vida da comunidade, tudo o que acontece em sua volta pode ter influência no desempenho escolar principalmente no campo e em particular na comunidade remanescente de quilombo, pois vai valorizar a cultura local principalmente nos trabalhos de roças e na extração do açaí no seu período notasse que os alunos dos 4 e 5 anos do ensino fundamental menor da Escola Quilombola Santo André, alguns são peconheiros (nome dado a quem apanha o açaí) que ganham seu dinheiro na extração do açaí e o campo precisa ter uma prática pedagógica que leve em consideração essas especificidades e passa pela valorização do sujeito dentro do espaço escolar e comunitário.

Outra escritora do livro *A Educação Rural no Brasil*, Claudia Souza Passador, doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), defende o uso em larga escala da Alternância, pois entende que ela valoriza o trabalho no campo. "A maioria das escolas estigmatiza o agricultor. As crianças são levadas a pensar que trabalhar na roça é para quem não tem estudo. Um erro. O conhecimento é útil em todas as áreas. O Brasil, especialmente, precisa de pessoas bem formadas para esse setor porque 80% dos municípios têm uma economia essencialmente rural", diz a escritora em sua obra que nos mostra a importância da pedagogia da alternância e o professor deve proporcionar esse modelo de educação em suas práticas pedagógicas. No Brasil há um número significativo de escola que já implantaram o método da alternância.

A significação que a prática pedagógica possa adquirir varia, isto é, consiste em algo que não pode ser definitivo, apenas concebido, mudando conforme os princípios em que estiver baseada a nossa ideia. Inspirada em Freire (1986), parto de uma concepção de prática pedagógica adjetivada pelo termo *dialógica*, em que a construção do conhecimento é vista como um processo realizado por ambos os atores: professor e aluno, na direção de uma leitura crítica da realidade. Desde essa perspectiva, a prática pedagógica pode ser pensada assim como expressa Fernandes (1999, p.159):

[...] prática intencional de ensino e aprendizagem não reduzida à questão didática ou às metodologias, de estudar e de aprender, mas articulada à *educação como prática social e ao conhecimento como produção histórica e social*, datada e situada, numa relação dialética entre prática-teoria, conteúdo-forma e perspectivas interdisciplinares.

Dessa Forma, a prática pedagógica dos agentes educacionais no momento atual, bem como a condução do processo ensino-aprendizagem na sociedade contemporânea, precisa ter como primícias a necessidade de uma reformulação pedagógica que priorize uma prática formadora para o desenvolvimento, onde a escola deixe de ser vista como uma obrigação a ser cumprida pelo aluno, e se torne uma fonte de efetivação de seu conhecimento intelectual que o motivará a participar do processo de desenvolvimento social, não como mero receptor de informações, mas como idealizador de práticas que favoreçam esse processo, GADOTTI (2000:8), sobre o assunto afirma que seja qual for à perspectiva que a educação contemporânea tomar, uma educação voltada para o futuro será sempre uma

educação contestadora, superadora dos limites impostos pelo Estado e pelo mercado, portanto, uma educação muito mais voltada para a transformação social do que para a transmissão cultural.

Dessa Forma, a prática pedagógica dos agentes educacionais no momento atual, bem como a condução do processo ensino-aprendizagem na sociedade contemporânea, precisa ter como primícias a necessidade de uma reformulação pedagógica que priorize uma prática formadora para o desenvolvimento, onde a escola deixe de ser vista como uma obrigação a ser cumprida pelo aluno, e se torne uma fonte de efetivação de seu conhecimento intelectual que o motivará a participar do processo de desenvolvimento social, não como mero receptor de informações, mas como idealizador de práticas que favoreçam esse processo.

O professor nesse contexto deve ter em mente a necessidade de se colocar em uma postura norteadora do processo ensino-aprendizagem, levando em consideração que sua prática pedagógica em sala de aula tem papel fundamental no desenvolvimento intelectual de seu aluno, podendo ele ser o foco de crescimento ou de introspecção do mesmo quando da sua aplicação metodológica na condução da aprendizagem. Sobre essa prática, GADOTTI (2000:9) afirma que “nesse contexto, o educador é um mediador do conhecimento, diante do aluno que é o sujeito da sua própria formação. Ele precisa construir conhecimento a partir do que faz e, para isso, também precisa ser curioso, buscar sentido para o que faz e apontar novos sentido para o que fazer dos seus alunos.

Ele afirma ainda que, os educadores, numa visão emancipadora, não só transformam a informação em conhecimento e em consciência crítica, mas também formam pessoas. Diante dos falsos pregadores da palavra, dos marqueteiros, eles são os verdadeiros “amantes da sabedoria”, os filósofos de que nos falava Sócrates. Eles fazem fluir o saber (não o dado, a informação e o puro conhecimento), porque constroem sentido para a vida das pessoas e para a humanidade e buscam, juntos, um mundo mais justo, mas produtivo e mais saudável para todos. Por isso eles são imprescindíveis. (GADOTTI, M. Perspectivas atuais da educação, 2000).

Então a prática pedagógica como processo de dinamizar o espaço onde a escola está inserida possibilitando uma leitura crítica deste território assumiu um papel de suma importância para o fortalecimento desta identidade quilombola e a busca pelas melhorias tanto na esfera educacional como social e que os responsáveis pela educação possam oportunizar ao educador de fato reaver o processo educacional levando em consideração o sujeito local e suas experiências de comunidade onde professores e alunos e a comunidade sejam realmente construtores desses saberes para edificar uma prática pedagógicas levando em consideração a identidade dos educandos.

## **2.4 Escola Quilombola**

Neste tópico gostaria de analisar a possibilidade da construção de uma forma escolar específica, a educação quilombola relação entre a escola e a comunidade num território remanescente de quilombo no qual se mostrou a partir dos debates ocorridos na Conferência Nacional de Educação ocorrida em 2010, e do 1º Seminário Nacional de Educação Quilombola, preparado pelo Ministério da Educação com a participação estratégica da Confederação Nacional de Articulação

das Comunidades Quilombolas (CONAQ), a modalidade de Educação Escolar Quilombola foi estabelecida no âmbito da educação básica por meio da Resolução CNE Nº 4/ 2010 que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para Educação Básica. Nessa resolução a educação escolar quilombola foi assim definida:

Art. 41 – a Educação Escolar Quilombola é desenvolvida em unidades educacionais inscritas em suas terras e cultura, requerendo pedagogia própria em respeito à especificidade étnico-cultural de cada comunidade e formação específica de seu quadro docente, observados os princípios constitucionais, a base nacional comum e os princípios que orientam a Educação Básica brasileira. (Brasil, 2010)

Dentro desse processo a escola deve oferecer o que artigo se propõe a realizar, no entanto ao longo do tempo e fazendo um paralelo a respeito das escolas quilombola, logo os impactos com esse processo a educação do campo que sofreram mudança, por meio de decreto, passa da classificação de “rural” para “quilombola”, o discurso acontece e passa a exigir inovações e formas frente ao método de edificação e/ou afirmação da identidade étnico-racial brasileira, por meio de seus elementos diferenciadores.

Trata-se de comunidades que viveram de acordo com a história um processo de ascendência que provoca exclusão em que se encontram quando comparadas aos grupos étnicos com maior nível social hierárquico e maior acesso a bens materiais e culturais. Isto é, segundo Lopes (2006, p. 106), a produção de conhecimento e a inteligibilidade sobre a vida devem colaborar para que alternativas sociais surjam a partir das vozes que estão à margem. A atuação na escola quilombola deve então fazer parte de uma epistemologia que “vivenciam o sofrimento humano”. Sendo assim, não é mais possível conceber o quilombo fora da construção universal anti-hegemônica. Lopes (2006, p. 106).

Muitas das escolas dos quilombos mantiveram-se alheias aos processos socioculturais da comunidade, sem se reconhecer, através de um currículo padronizado, a identidade negra dos educadores, estudantes e familiares.

A partir daí devemos, ao menos, acentuar a visão face aos conteúdos, à não obtenção na formação professor (a) coordenadores pedagógicos e direção das unidades de ensino, conseqüentemente, conjeturar a respeito das ideologias embutidas no currículos que a secretaria de educação municipal oferecem, assim como dos recursos didáticos disponíveis e utilizados. Com este panorama devemos

adotar com a urgência de se envidar todos os esforços aceitáveis para mudar a circunstância atual. Afinal, de 2003 a 2018 são 15 anos de sanção de uma Lei (10.639/03) que alterou a LDB 9.394/96. E o que isso modificou, de fato, as conjunturas educacionais em nosso país e, sobretudo, as comunidades afastadas do ambiente urbano, a saber: as comunidades quilombolas aqui especificamente a comunidade do Baixo Itacuruçá.

Levando em consideração as ideias de Williams (2003) e expandindo, podemos abrir um novo horizonte para as escolas quilombola e lançar o desafio de agregar ao currículo o conhecimento sobre raça e etnia, atrelados “ao que as crianças e os jovens se tornarão como seres sociais” (SILVA, 2004, p.104).

Para tanto, faz-se necessário se preservar, reconhecer e valorizar as suas heranças socioculturais, tradicionais, enfim, as raízes de origens africanas, ao lado das heranças indígenas e europeias, como se ressalta nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004).

E a escola quilombola pode realizar projetos pedagógicos que de fato com um currículo que ofereça práticas pedagógicas que valorize o cotidiano dos alunados e as expressões culturais da comunidade para um conhecimento crítico e voltado para a construção de sua própria história e fortalecimento da identidade quilombola mediante a essas práticas pedagógicas adequadas para a escola quilombola.

### **3. CAPITULO II - METODOLOGIA**

#### **3.1- Um estudo de caso, uma pesquisa qualitativa**

Para analisar e compreender as considerações e visão de um grupo de alunos, professores, da Escola Municipal Quilombola Santo André especificamente do ensino fundamental menor da referida unidade de ensino a respeito da identidade quilombola e as práticas pedagógicas e como estas estão relacionando-se dentro deste espaço educativo, primeiramente selecionamos um grupo de alunos, os professores do ensino fundamental menor.

O grupo de alunos consiste em dois alunos do 1º ano ao 5ª ano do ensino fundamental menor totalizando o número de dez alunos entre a faixa etária de seis anos a 14 anos sendo um representante do gênero masculino e uma representante do gênero feminino e o corpo docente do ensino fundamental menor todos da Escola Municipal Quilombola Santo André, assim chegando ao total de 14 pessoas.

A escola municipal quilombola Santo André fica localizada no município de Abaetetuba estado do Pará, zona rural das ilhas do referido município conhecida como Baixo Itacuruçá titulada como comunidade remanescente de quilombo, a escola oferece da educação infantil ao ensino médio atendendo alunos da própria comunidade e alunos das comunidades adjacentes quilombolas, sendo que o ensino médio é anexo da Escola Estadual Benvinda Pontes da zona urbana do município.

A coleta de dados foi realizada apenas com alunos e professores, direção e coordenação da mesma escola para que haja uma análise de como os alunos, professores, direção e coordenação pedagógica relacionam a identidade quilombola e as práticas pedagógicas da unidade de ensino quilombola.

A metodologia empregada para a coleta de dados foi estudo de caso e qualitativa, pois forneceu todos os elementos necessários para o êxito da pesquisa e sendo um grupo pequeno e as características desse tipo de pesquisa e de suma importância segundo André (1986) inclui a consideração dos diferentes pontos de vista dos envolvidos, o que possibilita a captura de sua perspectiva, no entanto era a mais aproximada para a situação, uma vez se tratar das exposições do grupo em questão. Sendo assim para analisar e entender a relação do grupo relacionado com a identidade quilombola e as práticas pedagógicas da Escola Quilombola Santo André realizou-se primeiramente uma entrevista estruturada com dez perguntas para os alunos, dez perguntas para os professores e dez perguntas para a direção e coordenação pedagógica da escola e um questionário para cada dos participantes desta pesquisa essa metodologia possibilita melhor clareza dos resultados obtidos. Segue abaixo o questionário primeiramente em seguida as perguntas para os alunos, acompanhando as perguntas para os professores.

#### 4. CAPÍTULO III – ANÁLISE DOS DADOS

Diante da proposta de pesquisa de caso qualitativa que buscava entender como a identidade quilombola estava relacionada com as práticas pedagógicas na unidade de ensino da Escola Municipal Quilombola Santo André na comunidade remanescente do Baixo Itacuruçá que foi realizada através de entrevistas e observações direta do objeto de estudo.

Realizamos entrevistas com professores da educação fundamental da referida escola, alunos, direção da escola e coordenação pedagógica para dessa maneira proporcionar início deste estudo, a assimilação de um referencial teórico para a construção do trabalho é de extraordinária importância para compreender o objeto de estudo, no qual uma documentação veio sendo edificada, a partir de leituras apresentadas na graduação, sugeridas pelo orientador, da pesquisa perpetrada na biblioteca universitária da UFPA (Universidade Federal do Pará) e acervos eletrônicos.

Permitindo assim investigar a problemática por meio da categoria teórica em questão denominada identidade quilombola e como as práticas pedagógicas estão relacionadas no contexto educacional da primeira escola quilombola do município de Abaetetuba na zona rural do município ilhas.

O objeto da ciência social é ir: buscar o significado que as pessoas dão ao seu mundo e as suas práticas, ou seja, a toda a soma total de objetos e dos acontecimentos do mundo cultural e social criados pelo pensamento de sendo comum dos homens, vivendo numerosas interações sociais. Cabe aos pesquisadores identificar e descrever as práticas e os significados sociais (...), de compreender como elas se dão no contexto dos sujeitos que as pratica. CHIZZOTTI (1994, p.93)

Na qual CHIZZOTTI (1994), apresenta que é necessário ir em busca dos sujeitos e objetos de estudos para melhor compreender como os envolvidos vivem as interações sócias do espaço que convivem e se relacionam vivenciando essa prática.

##### 4.1- Análise dos dados obtidos na entrevista

###### 1 - Qual a sua formação?

**Tabela 01.** Qual a sua formação?

PROFº CBG ed. Infantil	Magistério, bacharel em teologia com complementação em Pedagogia.
PROFº MTT 1º e 2º	Magistério licenciada em ciências naturais pelo PARFOR.
PROFº CGR 4º e 5º	Ensino superior em matemática

**Fonte:** Entrevistas de docentes.

Os professores entrevistados possuem formação em três áreas do

conhecimento, visto que é importante a formação superior na vida dos profissionais possibilitando uma maior compreensão da área em que se atua para desempenhar um trabalho de qualidade, e para isso precisam ter o nível superior, onde em teoria se aprofundar com mais intensidade nos debates dos assuntos abordados relacionados no campo de atuação em que o profissional está desempenhando. Entre eles um professor fez seu nível superior pela educação do campo na Área de matemática, e a professora MTT fez ciências naturais.

Os professores enfatizaram a importância da formação superior em suas vidas como um divisor de águas em suas vidas profissionais e social, pois a vida acadêmica contribui com muitos conhecimentos que antes eram empíricos e se fundamentaram com mais intensidade, pois os mesmos relatam que tinham a praticidade do cotidiano, mais ainda não possuíam embasamentos teóricos e agora podem analisar com mais propriedades as situações vivenciadas em sala de aula e procurar o melhor caminho para chegar a uma conclusão cabível para essas situações relatou a professora do 1º e 2º ano da unidade de ensino.

Professora do 1º e 2º ano:

“Por incrível que pareça quando cheguei no ensino superior com mais de 20 anos de docência percebi o quando as vezes cometi certas atitudes que hoje já não faço, pois a vida acadêmica me deu um embasamento teórico, que me faz refletir na tomadas de decisões com meus alunos o que antes agia por impulso e hoje analiso de maneira mais sensível objetiva e convivência acadêmica me proporcionou essa façanha o ensino superior foi um divisor de águas em vida profissional e social foi muito importante em minha vida ter concluído o nível superior.”

A importância da formação do docente apresenta como diz Paulo Freire precisa ser continuada devido a educação sempre está em movimento e preciso através das experiências vividas e assim o fazer e o pensar como fazer perpassa pela reflexão e o professor precisa ser curioso busca melhorar sua práticas e isso acontece quando a formação me torna inquieto e a partir da curiosidade ingênua inicial exercida vou adquirindo criticidade e esta reflexão critica deve ser constante na vida do docente para o profissional manter-se sempre em busca de formação para buscar as transformações através de sua prática educativa.

Com base nesta constatação de Paulo Freire a respeito do conceito de reflexão então apresenta mais duas categorias a critica é a formação permanente do docente.

Segundo FREIRE (2001), a crítica é a curiosidade epistemológica, resultante da transformação da curiosidade ingênua, que criticizar-se. Corroborando com essa ideia Freire afirma:

A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fizemos. (2001 p.53).

A ideia de formação permanente no pensamento de Freire é resultado do conceito da “condição de inacabamento do ser humano e consciência desse inacabamento”. Segundo Freire (2002), o homem é um ser inconcluso e deve ser consciente de sua inconclusão, através do movimento permanente de ser mais:

A educação é permanente não por que certa linha ideológica ou certa posição política ou certo interesse econômico o exijam. A educação é permanente na razão, de um lado, da finitude do ser humano, de outro, da consciência que ele tem de finitude. Mas ainda, pelo facto de, ao longo da história, ter incorporado à sua natureza não apenas saber que vivia, mas saber que sabia e, assim, saber que podia saber mais. A educação e a formação permanente se fundam aí. (FREIRE, 1997 p. 20).

Juntamente com a pergunta sobre a formação os professores tiveram está abaixo.

2 – Você se considera quilombola? Por quê?

**Tabela 02:** Você se considera quilombola? Por quê?

PROFº CBG ed. INFANTIL	Sim, morar em uma área remanescente quilombola.
PROFº MTT 1º e 2º	Sim, por ter laços familiares, pois sua avó mãe de seu pai foi nascida e criado em senzala.
PROFº CGR 4º e 5º	Sim, nasceu e cresceu em área onde hoje é reconhecida pelo governo como quilombola.

**Fonte:** Entrevista de docentes.

Vimos que os professores entrevistados afirmaram que são quilombola, no entanto pude observar nas respostas de nossos professores alguns resquícios de duvidas a cerca de sua origem pois os mesmos relataram um pouco nas conversas paralelas que achavam que eram por morar em uma área remanescente quilombola, por ter laços familiares, com quem foi escravizado, por ter nascido em área onde hoje é reconhecida pelo governo como quilombola, aqui vale ressaltar a importância dos padres que passaram pela paróquia das ilhas que fizeram estes estudos preliminares pela organização das comunidades eclesiais de base nestas áreas que hoje são tituladas com a posse definitiva da terra esse titulo coletivo e pelo reconhecimento da fundação palmares que valida os territórios remanescentes quilombola aqui me refiro a narrativa do professor do 4º e 5º anos da escola municipal quilombola santo André :

“nasci e cresci neste torrão onde hoje é reconhecida pelo governo como quilombola, ou seja, área que serviu como refúgio de negros fugidos na época da escravidão”.

E por ter nascido e crescido neste território quilombola os laços familiares de convivência e trabalho na terra trazem esses laços como símbolo também de resistência e luta pelas melhorias educacionais e sociais neste espaço marcados pela singularidade e especificidades, pode-se observar que ainda as famílias moram bem próximas uma das outras e por ainda trabalharem de forma de mutirão, onde as famílias se reúnem para realizar certos trabalhos como a produção da roça desde a capina até o produto final que é a farinha de mandioca e também o lazer para a prática coletiva do futebol, é sempre acontece muitas ajudas mútuas entre eles. Assim aponta também (NASCIMENTO, 2002, p.264):

Os quilombos resultaram dessa exigência vital dos africanos escravizados, no esforço de resgatar sua liberdade e dignidade através da fuga ao cativeiro e da organização de uma sociedade livre [...] o quilombismo se estruturava em formas associativistas que tanto podiam estar localizadas no seio de florestas de difícil acesso que facilitava sua defesa e sua organização econômico-social própria, como também assumiram modelos de organizações permitidas ou toleradas, frequentemente com ostensivas finalidades religiosas (católicas), recreativas, beneficentes, esportivas, culturais ou de auxílio mútuo (NASCIMENTO, 2002, p. 264).

### 3 – Como é trabalhar numa escola quilombola?

**Tabela 03:** Como é trabalhar numa escola quilombola?

PROFº CBG ED. INFANTIL	Trabalhar numa escola quilombola, não é tão diferente das demais escolas a não ser alguns conteúdos.
PROFº MTT 1º e 2º	É um desafio, misturas de pessoas com características, hábitos e costumes diferentes e que as vezes o quilombola não se aceita como ele é de verdade,
PROFº CGR 4º e 5º	Especificidades, como trabalhar uma parte do currículo diferenciado no que diz respeito à história e a cultura afro.

**Fonte:** Entrevista de docentes.

A primeira professora relatou que não era tão diferente das outras escolas e perguntei por quê? à mesma respondeu que mesmo estando em lugar quilombola alguns conteúdos são direcionados para a cultura afro e não se tem uma ênfase maior nas especificidades da comunidade.

“trabalhar numa escola quilombola, não é tão diferente das demais escolas, o que diferencia é alguns conteúdos referente à cultura quilombola...”

Já a segunda professora do 1º e 2º, nos relata que é um desafio trabalhar na escola quilombola, pois há uma mistura de pessoas e características diferentes, ou seja, hábitos e costumes diferentes, pois a escola recebe alunos de outras comunidades quilombola mesmo sendo quilombolas vivem outras realidades. E alguns não se aceitam como tal.

“é um desafio, pois percebo que há umas misturas de pessoas com

características, hábitos e costumes diferentes e que as vezes o quilombola não se aceita como ele é de verdade.”

Já o professor do 4º e 5º anos que é interessante pela especificidade que requer trabalhar numa escola quilombola principalmente como trabalhar uma parte do currículo diferenciado a história da cultura afro, e muitas das vezes não há um suporte pedagógico para trabalhar.

“É interessante pela sua especificidade, como trabalhar um parte do currículo diferenciado no que diz respeito à história e a cultura afro”.

Mediante as respostas dos professores percebo que ainda falta uma maior articulação da secretaria da educação municipal, professores, gestores e coordenação pedagógica para que haja um trabalho mais específico nas escolas quilombola e por não dizer projetos que venha de encontro aos anseios dos professores no que diz respeito aos trabalhos pedagógicos principalmente o currículo nas escolas quilombolas em específico a escola quilombola santo André.

Essa expectativa vai sendo demonstrada para um currículo escolar que seja edificado com um olhar para diversidade cultural. Nesse caso, de acordo o que está exposto em lei sobre a atribuição dos currículos da educação básica na educação escolar quilombola, o documento traz algumas determinações como:

Art.34 o currículo da Educação Escolar Quilombola diz respeito aos modos de organização dos tempos e espaços escolares de suas atividades pedagógicas, das interações do ambiente educacional com a sociedade, das relações de poder presentes no fazer educativo e nas formas de conceber e construir conhecimentos escolares, constituindo parte importante dos processos sociopolíticos e culturais de construção de identidades.

§1º Os currículos da Educação Básica na Educação Escolar Quilombola devem ser construídos a partir de valores e interesses das comunidades quilombolas em relação aos seus projetos de sociedade e de escola, definindo nos projetos político-pedagógicos. (BRASIL, 2012, p. 34).

O que na realidade ainda não acontece na escola quilombola santo André e que eu saiba em nenhuma escola quilombola de nosso município.

4 – Para você o que é identidade quilombola?

**Tabela 04:** Para você o que é identidade quilombola?

PROFº CBG ED. INFANTIL	Identidade, é a cultura é a tradição de um povo passado de pais para filhos
PROFº MTT 1º e 2º	É valorizar sua cultura, que envolve alimentação, vestimenta, trabalho, remédios caseiros e principalmente a religiosidade.
PROFº CGR 4º e 5º	Reconhecer que vive em uma área

	quilombola, conhecer a história desse povo que foi tão importante na formação da cultura brasileira e aceitar-se como tal.
--	--

**Fonte:** Entrevista de docentes.

A identidade quilombola perpassa por todos esses elementos citados pelos professores desde reconhecer-se que remanescente de quilombo valorizando suas raízes conhecendo sua história e a importância da de nossos antepassados na construção deste país. Aqui gostaria de colocar em ênfase a narrativa emocionada do professor do 4º e 5º anos da escola quilombola santo André ao falar deste assunto:

“reconhecer que vive em uma área quilombola, conhecer a história desse povo que foi tão importante na formação da cultura brasileira e aceitar-se como tal.”

Um dos grandes obstáculos em nossa comunidade escolar é o aceitar-se como quilombola e uns dos desafios buscando indagar o por quê? Deste “não aceitar”, e deparei com uma grande questão religiosa, autoestima baixa por pertencer a uma linhagem de escravizados, e o não conhecer a fundo a história afrodescendente no Brasil.

Aqui vislumbro o papel da escola neste contexto de resgatar a identidade quilombola através de um projeto pedagógico de intervenção que venha criar mecanismo para mudar essa situação.

5 – Como a identidade quilombola está presente no PPP da escola?

**Tabela 05:** Como a identidade quilombola está presente no PPP da escola?

PROFº CBG ED. INFANTIL	Ainda não repassaram uma cópia para minha pessoa. Penso que não deveria ser assim, pois é através dele que iremos direcionar
PROFº MTT 1º e 2º	Sem resposta.
PROFº CGR4º e 5º	Na verdade ainda não fomos apresentados

**Fonte:** Entrevista de docentes.

Aqui o grande nó que percebi na escola este tal PPP (Projeto Político Pedagógico), que existe, no entanto, os professores não tem acesso e foi elaborado com todos os funcionários, no entanto relatam que não tiveram acesso. Alguma coisa deve ter no PPP, e tive acesso, fazendo uma leitura rápida, alguns pontos que fala da origem da escola, mas muito vagos que impossibilitam uma maior compreensão do mesmo, assim achei até engraçado para não dizer outra palavra os que os docentes me responderam.

“ainda não repassaram uma cópia para minha pessoa. Penso que não deveria ser assim, pois é através dele que iremos direcionar.”

Nesta fala dá para analisar que a escola não se preocupou em compartilhar

o projeto final do projeto político pedagógico, e nem sentou com os professores para estudá-lo. E tão pouco divulgar para os funcionários e por não dizer a coletividade que participa da escola e assim vai de encontro em que a professor relatou na entrevista:

“ainda não repassaram uma cópia para minha pessoa. Penso que não deveria ser assim, pois é através dele que iremos direcionar o nosso ensino, trabalhar a realidade local definir que tipo de alunos queremos formar sendo este um documento importante.”

Primeiramente, gostaria de aproveitar os escritos de Libâneo para definir o que é o Projeto Político Pedagógico (PPP). Para este autor, por PPP entende-se o documento “(...) que propõe uma direção política e pedagógica para o trabalho escolar, formular metas, prevê as ações, institui procedimentos e instrumentos de ação” (LIBANEO, 2005, p 345).

A dimensão pedagógica do PPP deve-se ao fato do mesmo possuir objetivos sociais e políticos claros, bem como, os meios formativos necessários para se der direção ao processo educativo e o compartilhamento deste documento se faz necessário para as metas serem alcançadas.

6 – Nas suas práticas pedagógicas, você aborda a identidade quilombola? De que maneira?

**Tabela 06:** Nas suas práticas pedagógicas, você aborda a identidade quilombola? De que maneira?

PROFº CBG ED. INFANTIL	através da roda de conversas, com as crianças, das histórias contadas dentro da sala de aula através de passeios ao redor da escola, na roça e em atividades de classe voltada para o cotidiano das crianças da família,
PROFº MTT 1º e 2º	A identidade quilombola é aplicada através de leituras de textos com os alunos, em brincadeiras, atividades culturais, etc...
PROFº CGR 4º e 5º	Sim mostrando e discutindo a história do povo negro dando ênfase a importância da cultura negra na formação da cultura brasileira.

**Fonte:** Entrevista de docentes.

Os professores procuram trabalhar a identidade quilombola de maneira individual, pois cada professor entrevistado respondeu um elemento de sua prática pedagógica e não houve uma uniformidade nas falas dos mesmos. O importante aqui relatar é que se está fazendo algo mesmo individualizado é interessante reportar a fala da professora CBG:

“através da roda de conversas, com as crianças, das histórias contadas dentro da sala de aula através de passeios ao redor da escola, na roça e em atividades de classe voltada para o cotidiano das crianças e da família.”

E interessante relatar aqui que a professora faz algo diferenciado dos restantes dos professores levando seus alunos para sair da rotina de sala de aula e visitar ao entorno da escola onde há algumas plantações de roças, possibilitando uma vivência de sua identidade remanescente de quilombo na prática no cotidiano das famílias.

Segundo NUNES (2006), uma concepção de educação e aquisição de conhecimentos que vá ao encontro dos interesses emancipatórios que as comunidades quilombolas vêm construindo desde o período escravista requer a promoção de uma leitura de mundo que dê ênfase a sua trajetória histórica, como lembrança viva de que o tempo não esvaece a disposição para a transformação. Ser quilombola é estar sempre com as armas da perseverança, sabedoria e solidariedade coletiva (NUNES, 2006 pág. 149).

7 – Quais as dificuldades encontradas por você para falar da identidade quilombola com seus alunos?

**Tabela 07:** Quais as dificuldades encontradas por você para falar da identidade quilombola com seus alunos?

PROF <sup>o</sup> CBG ED. INFANTIL	É em relação ao material didático
PROF <sup>o</sup> MTT 1 <sup>o</sup> e 2 <sup>o</sup>	A maior dificuldade é a aceitação do ser quilombola e a grande resistência está na religiosidade
PROF <sup>o</sup> CGR 4 <sup>o</sup> e 5 <sup>o</sup>	Falta de conhecimento do aluno em não querer aceitar-se como quilombola,

**Fonte:** Entrevista de docentes.

Gostaria de fazer uma observação a respeito desta pergunta, pois foi o que me questionou a realizar esta pesquisa para dar oportunidade de fazer uma reflexão maior até que ponto a escola como todo está fazendo algo para mudar esta situação citados pelos e chegarmos a uma conclusão que possa mudar estas falas relatadas pelos professores 1<sup>o</sup> e 2<sup>o</sup>, 4<sup>o</sup> e 5<sup>o</sup> do ensino fundamental menor da referida unidade de ensino:

“a maior dificuldade é a aceitação do ser quilombola e a grande resistência está na religiosidade devido a turma ser composta por católicos e evangélicos, essas famílias não permitem que seus filhos participem de qualquer atividade que envolva a religião do povo negro.”

“Muitas vezes por falta de conhecimento do aluno em não querer aceitar-se como quilombola, ou seja, não querer pertencer a um grupo de pessoas que foi humilhada, escravizada, isso acaba sendo uma dificuldade a ser trabalhada gradativamente.”.

Nestas falas percebe-se que falta realizar um trabalho que venha quebrar este estigma que o povo negro sempre foi escravo e que não podemos fazer diferente,

tenho grande inquietação a respeito desta constatação e fico triste ao mesmo tempo pois como escola podemos realizar um trabalho que possa fortalecer nossa identidade e jamais nos sentirmos inferiorizados mesmo que a sociedade embranquecida prega. A escola como espaço de coletividade e político tem um papel fundamental neste processo de aceitação como remanescente quilombola. Segundo GOMES, a identidade negra, ou seja, a identidade quilombola deve ser trabalhada como ênfase e a escola deve ser esse instrumento de fortalecimento deste processo indenitário.

8 - Você trabalha com alguma coisa fora da escola?

**Tabela 08:** Você trabalha com alguma coisa fora da escola?

PROFº CBG ED. INFANTIL	Grupo de casais da comunidade,
PROFº MTT 1º e 2º	Com atividades culturais na localidade, tipo programações tradicionais religiosas de junho e agosto...
PROFº CGR4º e 5º	Grupo de dança, grupo da terceira idade e grupo de casais da comunidade.

Fonte: Entrevista de docentes.

Percebe-se que os professores estão envolvidos na comunidade realizando trabalhos comunitários religiosos e culturais estão sempre contribuindo como a comunidade fora do espaço escolar isso é importante são conhecedores da realidade dos alunos. A professora do 1º e 2º ano realiza trabalhos culturais e religiosos como a mesma relata:

“as vezes contribuo com atividades culturais na localidade, tipo programações tradicionais religiosas de junho e agosto...”

9 – A escola possui ou produz materiais com relação à identidade quilombola? E você utiliza-os?

**Tabela 09:** A escola possui ou produz materiais com relação à identidade quilombola? E você utiliza-os?

PROFº CBG ED. INFANTIL	Coleção de livros e jogos quilombola.
PROFº MTT 1º e 2º	Materiais sobre identidade quilombola são bastante utilizados em novembro no decorrer da FEITRACESQ.(Feira de trabalhos artesanais culturais e escolares quilombola).
PROFº CGR 4º e 5º	Não.

**Fonte:** Entrevista de docentes.

A escola possui algumas coleções de livros e jogos quilombola, no entanto um dos professores relatou que tem os livros mais não houve uma explicação como usa-los de maneira correta como suporte pedagógico, também a escola produz materiais que são usados na feira cultural da escola como relata a professora MTT:

Na escola os materiais de identidade quilombola são bastante utilizados em novembro no decorrer da FEITRACESQ, feira de ciências onde cada turma participa com sua produção expondo para outras pessoas ou escolas.

Nas observações a escola trabalha e elabora materiais somente em período específico como uma professora respondeu que não há um planejamento para que a escola desenvolva essas atividades durante o ano letivo.

10 - Como é que você e a escola se organizam para o dia 20 de novembro?

**Tabela 10:** Como é que você e a escola se organizam para o dia 20 de novembro?

PROF <sup>o</sup> CBG ED. INFANTIL	São organizadas feira de ciências, apresentações de danças e materiais, tais como as plantas medicinais
PROF <sup>o</sup> MTT 1 <sup>o</sup> e 2 <sup>o</sup>	Cada professor que escolhida com sua turma desenvolve uma atividade dentro de um tema maior, confeccionando materiais concretos para representar num subtema, com o intuito de resgatar, apresentar e valorizar os traços quilombola
PROF <sup>o</sup> CGR 4 <sup>o</sup> e 5 <sup>o</sup>	Constantemente é organizada a feira de ciências, com apresentações de trabalhos quilombola como sala das relíquias,

**Fonte:** Entrevista de docentes.

Todos os professores entrevistados relataram que as turmas se preparam com vários trabalhos que envolvem cultura e artes como danças quilombolas, no entanto somente no mês de novembro com a culminância no dia 20 de novembro dia da consciência negra como nos colocou uma das professoras entrevistadas:

Há é escolhido um tema maior e cada professor desenvolve com sua turma uma atividade dentro deste tema maior, confeccionando materiais concretos para representar num subtema, com o intuito de resgatar, apresentar e valorizar os traços quilombola que existiram ou que ainda existem entre nós. Infelizmente neste ano não houve a feira da escola pois o professor que organizava este evento dentro da escola estava ausente e a coordenação da escola não se preocupou em organizar e precisaria promover eventos que construísse e revigorasse nossas tradições.

A escola demonstrou que a preocupação é quando chega o mês de novembro neste mês há uma mobilização da escola para se realizar a feira cultural, no entanto nem todos são envolvidos, ou seja, comprometidos com a valorização da cultura afros descendente. Mais uma vez percebe-se que a escola não possui um projeto político pedagógico atuante que venha favorecer os desenvolvimentos de práticas pedagógicas educacional na escola.

11 - Quais sugestões você daria para fortalecer a identidade quilombola no ensino fundamental da escola, através das práticas pedagógicas?

**Tabela 11:** Quais sugestões você daria para fortalecer a identidade quilombola no ensino fundamental da escola, através das práticas pedagógicas?

PROFº CBG ED. INFANTIL	Palestras, oficinas envolvendo pais, alunos e professores, projetos voltados para a cultura quilombola.
PROFº MTT 1º e 2º	A elaboração de um livro com leituras e temas quilombola
PROFº CGR 4º e 5º	Coordenação pedagógica pudesse se interessar pelo tema.

**Fonte:** Entrevista de docentes.

Nesta ultima pergunta do questionário e entrevistas, pedimos sugestões para que pudéssemos realizar uma ação de intervenção para ajudar a escola, surgiram sugestões desde palestras, oficinas, livros direcionados a cultura negra que valorizem a identidade quilombola. E houve uma sugestão que chamou atenção e curiosidade assim um dos professores sugeriu:

“Que nossa coordenadora pedagógica pudesse se interessar mais e pesquisar sobre o assunto e assim nos orientar melhor e produzir materiais que pudesse nos ajudar a fortalecer nossa identidade.”

Os professores entrevistados demonstraram certa preocupação com a coordenação pedagógica da escola que no ponto de vista dos mesmos precisaria interessar-se mais quando o assunto é identidade quilombola e as práticas pedagógicas que ajudasse fortalecer a história da comunidade quilombola e como a escola poderia contribuir mais.

#### Tabela das respostas dos alunos da Escola Municipal Quilombola Santo André.

**Tabela 12:** Respostas dos alunos da Escola Municipal Quilombola Santo André.

1-Você gosta de estudar em uma escola quilombola?	6 alunos responderam que sim.	4 alunos responderam que mais ou menos.
2-O que você entende por identidade	6 responderam que não sabiam,	4 responderam que eram valorizar sua

quilombola?		cultura, sua gente.
3-Você se sente quilombola? Por quê?	5 responderam que sim, porque nasceram no território quilombola e estudavam na escola quilombola.	5 responderam que não sabiam...
4-Como você valoriza sua identidade quilombola?	5 responderam que era participando das danças quilombola e das atividades da escola	5 que não sabiam responder
5-Diante das práticas pedagógicas de seu professor, você se sente contemplado com a identidade quilombola?	5 responderam que sim	5 responderam mais ou menos.
6-Em quais momentos em sala de aula é oportunizado a identidade quilombola?	6nas leituras de textos quilombola e atividades recreativas.	4 não souberam responder
7- O que significa para você estudar em uma escola quilombola?	6responderam que significava aprender a cultura quilombola e ter um futuro digno	4 não souberam responder
8- Quais as atitudes que você percebe nas práticas pedagógicas da escola que valorizam a identidade quilombola?	5 responderam que em poucos momentos, só na feira e alguns professores na sala de aula.	5respondem que não percebiam nada.
9-Como os professores e a escola se preparam para o dia 20 de novembro?	6 responderam que ensaiavam danças e preparavam trabalhos artesanais e de cartazes para o dia da consciência negra	4 responderam que não sabiam opinar...
10-O que seria necessário nas práticas pedagógicas para fortalecer a identidade quilombola?	6 responderam mais atividades culturais quilombola e que a escola tivesse um espaço onde pudesse ficar aberto para visitaçã dos alunos sobre a cultura quilombola....	4 que não sabiam falar o que seria....

**Fonte:** Entrevista de discentes.

Durante o processo de coleta da pesquisa deste trabalho pude perceber que as crianças do ensino fundamental menor que era o público alvo desta pesquisa ficam inquietos com as perguntas durante a roda de conversas alguns se destacaram participando sem restrições, no entanto algumas crianças não sabiam opinar.

Segundo a tabela acima dá para ter uma noção de que a escola trabalha alguns pontos da identidade quilombola mais de maneira posso assim dizer tímida,

que as próprias crianças perceberam isso e exigiram um espaço onde elas pudessem ter acesso para conhecer melhor sua própria origem e entender melhor seu papel como remanescente quilombola. Dos alunos que participaram da roda de conversa relatou que:

Eu sou quilombola porque estudo em uma escola quilombola e minha mãe me diz que nossa família é quilombola porque moramos no baixo Itacuruçá e trabalhamos na roca de farinha, mas a escola não.

Podemos observar na fala deste aluno do 4º ano que a família já começou a dar pequenos passos para que seus filhos tenham algumas noções do que é morar em uma comunidade quilombola de certa maneira o aluno percebe que a escola não valoriza como devia a identidade de ser uma escola quilombola. Aproveitei o momento em que o aluno falou que a escola não e quis saber alguns detalhes, ele simplesmente respondeu que a escola precisava rever algumas coisas que a escola não faz e reclamou que a biblioteca não funciona e que não há livros que valorizam o negro.

Uma das crianças também contribuiu na roda de conversa, falando que era quilombola porque tinha sangue quilombola e que seus antepassados vieram fugindo da escravidão e que sua família a maioria era negra que não gostava muito de ver nos livros os negros acorrentados.

Neste momento me sentir envergonhado, pois o mesmo relatando que só alguns professores realizavam eventos que valorizavam a identidade quilombola mais era pouco e que a escola como quilombola deveria enriquecer o espaço da escola com menções a cultura afro que realmente valorizassem a vida do ser negro.

Chegamos alguns pontos propostos na pesquisa que era de saber como as práticas pedagógicas dos professores estão contribuindo para a valorização do negro no espaço escolar quilombola, observamos que se precisa realizar algo a mais para que os alunos vivenciem na escola algo prazeroso de sua cultura e assim contribuir para o fortalecimento da identidade quilombola na comunidade em geral.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os resultados desta pesquisa mostraram que a Escola municipal Quilombola Santo André está muito abaixo das necessidades das comunidades quilombolas que usufruem deste espaço educacional em suas especificidades.

É imprescindível se fazer um maior diálogo, entre os que são envolvidos na educação, visando o vínculo afetivo, familiar, territorial, cultural, aspectos importantes para contribuir na solidificação da identidade quilombola, e as práticas pedagógicas ainda não estão contribuindo de fato com os sentimentos de pertença dos moradores destes territórios vistos no decorrer das entrevistas tanto com os professores quanto com os alunos, quando uns professores relatam que os alunos se sentem envergonhados em se identificarem como remanescente quilombola,

ficou bem visível nas fichas de matrículas que muitos ainda não se declaram negros remanescentes quilombola.

Mostraram também que professores e alunos têm potencialidades que precisam ser trabalhadas de maneira que venha valorizar comunidade, pois os mesmos são portadores de uma sabedoria única e que devem ser considerados nos currículos formais ou nas atividades cotidianas aqui me refiro a comunidade quilombola do Baixo Itacuruçá e o projeto político pedagógico da escola deve favorecer esses aspectos detectados nesta pesquisa o que na realidade ainda não acontece.

Constata-se que, os importantes avanços na legislação nacional, a realidade concreta nos territórios das comunidades quilombolas ainda requer efetividade para que se possa realmente discutir a existência de uma educação de qualidade, democrática, inclusiva, e emancipatória, considerando as especificidades dentro de um país tão multicultural como o nosso. No transcorrer da pesquisa ficou vivo que os estudos realizados em busca das fundamentações teóricas sólidas para embasar o trabalho, me permitiram ampliar os conhecimentos acerca das discussões sobre prática pedagógica e processo de ensino - aprendizagem que envolve a ação docente, a identidade quilombola e as escolas quilombola. Por fim, podemos, até o atual momento, afirmar que esta pesquisa traz contribuições significativas tanto para estudantes de Pedagogia quanto para as comunidades quilombolas e a educação em geral que se interessar pela temática identidade quilombola e as práticas pedagógicas.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Quilombola. Parecer CNE/CEB nº 16 de 2012. Resolução nº 08, de 20 de novembro de 2012.

\_\_\_\_\_. MEC. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: outubro de 2009.

\_\_\_\_\_. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Quilombola. Parecer CNE/CEB nº 16 de 2012. Resolução nº 08, de 20 de novembro de 2012.  
CABECINHAS, Rosa; CUNHA, Luís. Colonialismo, identidade nacional e representações do “negro”. 2003.

DE JESUS OLIVEIRA, Maria Anória; MARTIN, Rosemary. Educação escolar quilombola: currículo e cultura afirmando negras identidades. **Poiésis-Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação**, v. 8, n. 13, p. 189-202, 2014.

CHIZZOTTI, Antonio. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista portuguesa de educação**, v. 16, n. 2, 2003. Dias, T. S. *Educação escolar quilombola no censo da educação*. Rio de Janeiro: IPEA, abr. 2015. p. 13 e 21.

FERREIRA, Augusta Eulália; DE CASTILHO, Suely Dulce. **REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA**. RP3-Revista de Pesquisa em Políticas Públicas, v. 1, n. 1, 2014.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e Relações Raciais: Refletindo sobre Algumas Estratégias de Atuação**. In: MUNANGA, Kabengele.(org.). *Superando o Racismo na Escola*. 2ª Ed. rev. Brasília: SECAD, 2005. p.143-154.

GOMES, Nilma Lino. **Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos**. Revista Currículo sem Fronteiras, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr, 2012. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wpcontent/uploads/2012/11/curriculo-e-relacoes-raciais-nilma-lino-gomes.pdf>. Acesso em: 22 de novembro de 2013.

GIROUX, Henry A.; BUENO, Daniel. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GADOTTI, Moacir. Perspectivas atuais da educação. **São Paulo em perspectiva**, v. 14, n. 2, p. 03-11, 2000.

LOPES, Luiz Paulo da Moita. **Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa**. In *Por uma linguística aplicada Interdisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial. 2006.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola: teoria e prática**. Goiânia:

Alternativa, 2004.

NUNES, Cesar Aparecido. **Educação, Pedagogia e Sociedade: matrizes políticas e estigmas culturais da instituição escolar no Brasil**. In: ROMÃO, Lucília M. S. (Org.). *Leitura, História e Educação: um diálogo possível*. Ribeirão Preto, SP: Alfabeta Editora, **2006**.

NUNES, Georgina Helena. **Educação Quilombola – Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico – Raciais** – Brasília, 2006.

SANTANA, Carlos Eduardo carvalho. **Processos Educativos na Formação da Identidade em Comunidades Remanescentes de Quilombo: um estudo sobre Barra, Bananal e Riacho das Pedras**. UNEB, **2005**.

SILVA, Everson Melquiades Araújo; ARAÚJO, Clarissa Martins de. **Reflexão em Paulo Freire: uma contribuição para a formação continuada de professores**. V Colóquio Internacional Paulo Freire, 2005.

VILAS, Paula Cristina. **A voz dos quilombos: na senda das vocalidades afro-brasileiras**. Horizontes Antropológicos, v. 11, n. 24, p. 185-197, 2005.

VENTURA, Magda Maria. **O estudo de caso como modalidade de pesquisa**. Revista SoCERJ, v. 20, n. 5, p. 383-386, 2007.

## 7. APENDICES

### Apêndice 01

#### QUETIONÁRIO DE PERGUNTAS DOS DOCENTES

1 – Qual sua formação? Você se considera quilombola? Por quê?

---

---

2 – Como é trabalhar numa escola quilombola?

---

---

3 – Para você o que é identidade quilombola?

---

---

4 – Como a identidade quilombola está presente no PPP da escola?

---

---

5 – Nas suas práticas pedagógicas, você aborda a identidade quilombola? De que maneira?

Quais as dificuldades encontradas por você para falar da identidade quilombola com seus alunos?

---

---

6 – Você trabalha com alguma coisa fora da escola?

---

---

7 – A escola possui ou produz materiais com relação à identidade quilombola? E você utiliza-os?

---

---

8 – Como é que você e a escola se organizam para o dia 20 de novembro?

---

---

9 – Quais sugestões você daria para fortalecer a identidade quilombola no ensino fundamental da escola, através das práticas pedagógicas?

---

---

## Apêndice 02

### QUETIONÁRIO DE PERGUNTAS DOS DISCENTES

1-Você gosta de estudar em uma escola quilombola? Por quê?

---

---

2-O que você entende por identidade quilombola?

---

---

3-Você se sente quilombola? Por quê?

---

---

4-Como você valoriza sua identidade quilombola?

---

---

5-Diante das práticas pedagógicas de seu professor, você se sente contemplado com a identidade quilombola?

---

---

6-Em quais momentos em sala de aula é oportunizado a identidade quilombola?

---

---

7- O que significa para você estudar em uma escola quilombola?

---

---

8- Quais as atitudes que você percebe nas práticas pedagógicas da escola que valorizam a identidade quilombola?

---

---

9-Como os professores e a escola se preparam para o dia 20 de novembro?

---

---

10-O que seria necessário nas práticas pedagógicas para fortalecer a identidade quilombola?

---

---

## 8 – Anexos:

**Foto 01:** Vista frontal da Escola Quilombola Santo André



Fonte: Foto de autoria do próprio acadêmico.

**Foto 02:** Vista panorâmica do muro da Escola Quilombola Santo André.



Fonte: Foto de autoria do próprio acadêmico.

**Foto 03:** Vista panorâmica do Rio Itacuruçá, Ilhas do Município de Abaetetuba-Pará



Fonte: Foto de autoria do próprio acadêmico.

**Foto 04:** Vista panorâmica do ramal que dá acesso a Escola Quilombola Santo André.



Fonte: Foto de autoria do próprio acadêmico.

